

Constituintes temem a hora do voto

Etevaldo Dias

ANP 1.1

Marque um "X" na resposta certa: quantos debates houve em plenário na Constituinte sobre sistema de governo: um, cinco, dez, muitos? Acertou quem riscou um. Só pode ser chamado de verdadeiramente debate democrático aquele patrocinado pelo senador Afonso Arinos para defender sua proposta de parlamentarismo. O senador é um parlamentar à moda antiga que acredita ainda que idéias devem ser expostas publicamente para que a maioria decida pelo voto qual a melhor delas. Continuando com o hipotético teste, marque qual destes nomes tem ocupado sistematicamente a tribuna da Constituinte para defender seus pontos de vista: Ulysses Guimarães; Mário Covas; Carlos Santana; Fernando Henrique Cardoso; Bernardo Cabral; Delfim Neto; Roberto Campos. Vai acertar quem não riscar nenhum destes nomes. Fora uma ou outra intervenção para assuntos alheios aos grandes debates nacionais estes líderes desconhecem o debate em plenário. Um dia destes, por exemplo, o dr Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, usou a palavra para provar, com base em números, que os constituintes estavam trabalhando. Disse que se havia realizado 60 sessões, totalizando 214 horas de oratória e terminou com um dado surpreendente: gastaram 3 milhões de cópias Xerox. O presidente da Constituinte não disse que nestas reuniões compareceram em média apenas dez parlamentares, e que é comum o orador arregimentar dois ou três colegas nos corredores para apartear-lo, só para dar a impressão de que está havendo debate. As sessões de fim-de-semana há muito foram canceladas por falta de constituintes. Há quase um mês que a Constituinte apenas se reúne uma única vez por semana, às quartas-feiras, com um número de constituintes que cabe em uma Kombi. Mas onde estão os constituintes que ocupam diariamente o noticiário? Podem estar em um andar do prédio do Banco do Brasil até hoje mobilizado para a inexistente vice-presidência da República, pode ainda estar num seminário, ou num centro de estudos religiosos e, mais recentemente, no Instituto Israel Pinheiro, há 30 km do Congresso. Está retiro foi "estourado" na semana passada pelo deputado José Genoíno, antigo guerrilheiro, que passou de caça a caçador, inconformado com o segredo do relator Bernardo Cabral em torno do seu projeto. Pode parecer aos desavisados que ninguém trabalha nesta Constituinte de plenários vazios. Não é assim. Não se trabalha a céu aberto, mas se conchava muito, são artimanhas políticas para contornar o temor do "bater voto", usando o jargão político. Bastaria que o relator relatasse os constituintes votassem que não haveria tanta tensão nacional. Mas, o

esforço atual das lideranças da Constituinte é acertar tudo antecipadamente porque nenhum deles tem certeza do voto que conta. Não há nenhum grupo — direita, esquerda ou centro — que tenha maioria dentro da Constituinte. Multiplicam-se os grupos de conteúdo ideológico ou simplesmente regionais. Por exemplo, na última semana, com discursos e foguetório, criou-se o grupo parlamentar norte-nordeste-centro-oeste, seria mais fácil chamá-lo simplesmente "grupo contra o sul". Cada um destes grupos se mostra inarredável em suas posições e proporcionalmente distantes da realidade do país. E por isto que o projeto do relator Bernardo Cabral parece mais um conto de fadas que um texto constitucional. Todo mundo sabe que não existe o país que está sendo bordado neste projeto.

Não há condições para um país pobre como o nosso suportar tantas fantasias, mas é mais fácil obter consenso em torno de sonhos que no feio dia-a-dia da realidade.

Mas se aproxima a hora que não mais será possível resolver as contradições do como toma-lá-da-cá. Não adiantarão mais lugares secretos para negociações porque não haverá como se esconder do país possível. Nem mesmo em Fernando de Noronha onde o ex-ouvidor Fernando Mesquita exilou-se depois de declarar seu espanto com a impunidade que reina na administração pública. Vão continuar se reunindo até que descubram que há limites para a negociação. Não será com 40 parlamentares em torno de uma mesa em um retiro que se encontrará uma fórmula legal duradoura para o país. As amostras apresentadas até agora são desalentadoras, pouca gente — talvez só mesmo a "velhinha de Taubaté", personagem de Luis Fernando Veríssimo, acredite que o que está escrito pode virar algum dia realidade. Será tudo letra morta.

Resta a esperança que na temporada de plenário que se iniciará no final deste mês nasça um texto gerado pelo debate de idéias para que prevaleça o consenso, não dos grupos políticos, mas deste enorme país coberto de contradições. E terá que haver muito debate até que cada constituinte se dispça dos interesses momentâneos para formular os princípios básicos do país como um todo. Não será nada fácil. Serão precisos nada menos que 280 constituintes realistas, desprendidos, patriotas para derrubar cada um dos fantasiosos artigos do projeto. O senador Afonso Arinos já disse, com a sabedoria dos velhos, após se retirar de uma arrastada reunião que discutia apenas a ata da reunião anterior: "Vamos afundar no lodo do ridículo. O país vai cair às gargalhadas". Pode acontecer pior: pode cair em lágrimas.

Etevaldo Dias é editor regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília.